

LUSOFONIAS | LUSOPHONIES

Exposição de obras de artistas lusófonos da colecção da Perve Galeria

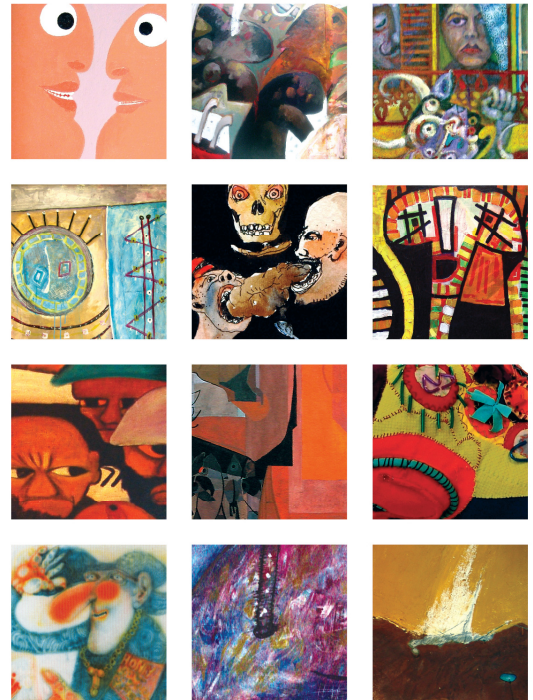
Albino Moura - Portugal, **Ana Silva** - Angola, **António Quadros** - Portugal, **Cabral Nunes** - Moçambique, **Cesariny** - Portugal, **Cruzeiro Seixas** - Portugal | Angola, **Gabriel Garcia** - Portugal, **Isabella Carvalho** - Brasil, **João Garcia Miguel** - Portugal | Angola, **Luísa Queirós** - Portugal | Cabo-Verde, **Malangatana** - Moçambique, **Manuel Figueira** - Cabo-Verde, **Márcia Matonse** - Moçambique, **Miro** - Moçambique, **Nhate** - Moçambique, **Pancho Guedes** - Portugal | Moçambique, **Paulo Kapela** - Angola, **Pedro Wrede** - Brasil, **Reinata Sadimba** - Moçambique, **Shikhani** - Moçambique.

INTRODUÇÃO À EXPOSIÇÃO | Pensar a arte moderna do Séc. XX, perspectivando-lhe linhas mestras na viragem para o novo milénio deve fazer-se condizente com o espaço vivencial de matriz lusófona. O Senegal é um desses lugares onde o acaso da fortuna, ditado pela história das descobertas e pela vontade dos seus protagonistas de então, se fez realidade. Depois veio a navegação francesa. Antes, os pés que o percorreram, lhe desbravando caminhos, eram de gente Lusa.

Hoje, sabe-se, existe essa herança, presente em algum edificado que conserva disso marcas mas sobretudo, dir-se-ia, no código genético, na matriz identitária de um povo que continua à procura desse elo primevo de contacto europeu. Há 12000 alunos senegaleses que fazem da sua vida o estudo do português, a devotam ao seu culto e peroram por mais conhecer deste povo distante que se lhes aportou um dia.

Há um enorme, espantoso, interesse em descobrir o que são hoje aqueles que foram afamados descobridores marítimos. Saber o que são na arte e o que sobrou de si nos lugares que conservam a língua portuguesa como ferramenta indispensável à comunicação, dela se havendo apropriado, fazendo-a sua, transformando-a, enriquecendo-a.

Mostrar o que foi e é a arte naquilo a que hoje chamamos Lusofonia é, mais do que uma premissa de divulgar o que entendemos válido, uma obrigação ante a demanda de conhecimento das gentes senegalesas.



Por isso, o Colectivo Multimédia Perve decidiu corresponder positivamente ao convite endereçado por S. Exa. o Embaixador de Portugal em Dakar para que realizásse uma exposição de arte moderna e contemporânea dedicada à Lusofonia e, nesse sentido, servindo-se de obras que constam do acervo da Perve Galeria e de colecções particulares, propõem-se fazê-lo abordando de forma antológica a produção artística nos PALOP, Brasil e Portugal, integrando-a no 2º Encontro de Arte Global, que decorre em Portugal e noutros países, entre Novembro de 2008 e Janeiro de 2009

A organização da exposição segue, para tanto, dois vectores, eixos principais: o antes e o depois da independência dos PALOP. Dentro destes, criam-se sub-temas tais como a produção artística local e a da diáspora, estabelecendo-se ligações entre o imaginário africano e a sua influência em distintos autores portugueses. Por último, no epílogo expositivo, perspectiva-se o futuro da criação artística através da inclusão de obras que, na sua fragilidade, sublinham narrativamente o significado conceptual, vivenciado, do termo Lusófonos e, por essa via, podem servir de elemento difusor da noção que aí se pretende evidenciar – como será o que somos, amanhã?

COLONIALISMO | Comum a todos os países de onde são originários os autores desta exposição é o facto de terem sido alvo de um período colonial, do qual se libertaram através de movimentos independentistas que os conduziram até aos actuais sistemas democráticos de governação.

Sem querer fazer um relato histórico, convém salientar que, em todos eles, existiu o fenómeno da criação artística sob ocupação colonial. Em Moçambique, por exemplo, Malangatana, talvez hoje o mais conhecido dos artistas plásticos daquele país, realizou inicialmente (1962), uma obra intitulada “A noiva e as suas conselheiras”, cuja narrativa e a sua apresentação formal, sujeitas a uma primeira leitura, evidenciam a necessidade do autor em se expressar segundo o gosto do público da época, fortemente marcado pelo chamado “exotismo africano”, não erguendo, aparentemente, barreiras que pudessem suscitar dúvidas sobre as suas convicções políticas nem tampouco as convicções estéticas da população. Mas, como se disse, isso trata-se de uma leitura iniciática, se olhada mais aprofundadamente poderá ver-se nessa obra já um manifesto, uma sublevação contra os dítames vigentes: a representação da noiva e suas conselheiras no quadro mimetiza em número e expressão uma espécie de “Última Ceia de Cristo”, desta feita no feminino, algo que, à época (e talvez ainda hoje) poderia ser considerado não só ofensivo como até ultrajante – é preciso não esquecer que os movimentos de emancipação feminina começam 6 anos mais tarde. Há, portanto, aqui uma contestação aos ensinamentos coloniais, uma vontade de

sublevação ante estes mas, mais tarde (1968), o mesmo autor, já então envolvido no movimento independentista do seu país, trataria de fazer uma obra marcante sabiamente intitulada “Guerrilheiros – Momentos de decisão”, onde toda a dissimulação narrativa, contida na obra atrás descrita, desaparece para dar lugar ao repto, evidente, de levantamento popular, apelando à acção/decisão. Esta obra, cujos aspectos formais se inscrevem na mais brilhante senda surrealista, tem ainda a particularidade de haver sido feita durante o período em que o artista esteve preso por razões políticas e foi feita, segundo consta, de forma escondida e, dissimuladamente, retirada do cárcere para que não fosse destruída pelos guardas prisionais. Mas este tipo de oposição, seja de forma directa ou disfarçada, pode ver-se, como elo de ligação, também nas obras aqui expostas de António Quadros, Cesariny, Cruzeiro Seixas, Manuel Figueira, Pancho Guedes e Shikhani. Em todos eles podemos observar essa vontade de romper com o estabelecido e contestar o poder vigente, seja o político, seja o estético, apontando cominho para a liberdade e auto-determinação.

INDEPENDÊNCIAS | Após as independências nos PALOP, especialmente após o fim das guerras civis a que muitos estiveram submetidos, assiste-se a um proliferar de expressões artísticas e de autores. Cabo-Verde, enquanto excepção por não haver sofrido o peso de uma guerra fratricida, acolhe dois excelentes artistas que têm o seu percurso ligado a Portugal: Manuel Figueira, nascido em São Vicente vai estudar belas-artes em Lisboa, na década de sessenta, algo inédito à época, regressando em 1975, a convite do recém-formado governo Cabo-Verdeano, para formar e dirigir um centro nacional de artesanato, que devolvesse identidade cultural e artística ao seu povo. Fá-lo acompanhado por uma sua antiga colega da faculdade, com quem se casa, a artista portuguesa Luisa Queirós, que viria a naturalizar-se Cabo-Verdeana e que, com ele, desenvolve um trabalho de pesquisa sobre a matriz cultural e artística daquele arquipélago africano, culminando na formação do referido Centro Nacional de Artesanato, local onde, durante décadas, ensinam técnicas locais de produção de tapeçaria, estimulando os aprendizes para a conjugação destas com linguagens plásticas modernas articuladas com narrativas particulares, fruto das vivências específicas das ilhas, e com a captação da estética pictórica local. Isso se pode observar nas obras que se mostram destes dois artistas nesta exposição mas também se pode constatar, nas obras de Márcia Matonse, Miro, Nhate, Paulo Capela e Reinata, essa mesma vontade de criação autêntica, dentro de parâmetros já não submetidos ao gosto civilizacional do habitante colonial, de obras de arte simultaneamente capazes de albergar um sentido de modernidade e de alteridade, rompendo por essa via com os cânones estabelecidos,

com uma noção particular de espaço, tempo e lugar determinado – o seu, de cada um, nesses territórios distintivos onde habitam.

Inclui-se, nesta mostra, referência às intersecções plásticas e discursivas de artistas que, vivendo fora do contexto africano, por ele se deixaram influenciar, (re) interpretando-lhe as formas, cores, estéticas e, sobretudo, as fabulações – imprevistas para quem aí não nasceu mas se deixa encantar pelo imaginário transmitido por outras vias. Os casos de Albino Moura (Portugal) e de Pedro Wrede (Brasil) são paradigmáticos disso mesmo: ambos expressam um desejo quase latente de africanidade. As suas obras impregnam-se de miscigenação artística e cultural onde forma, traço, figuração e cor, sugerem mais do que um só país ou continente de influência/confluência. Há ali, seguramente, algo de formatação europeia, de coloração e estética sul-americana mas há, mais ainda, de misticismo, encantamento e história africana.

FUTUROS, MISCIGENAÇÃO E DIÁSPORA | Na questão, iminente, do futuro há que colocar uma outra, sub-reptícia mas talvez mais pertinente, que se relaciona com o presente da arte: aos autores de agora, em particular aos novos, que se iniciam nos processos expositivos, é-lhes proporcionado o acompanhamento necessário para que possam não sucumbir ante os inúmeros obstáculos que se lhes colocam por diante para que possam, no futuro, haver grangeado o reconhecimento público que o seu trabalho merece e deseja? Mais ainda: será, com efeito, necessário desbravar caminho para que os artistas lusófonos possam almejar um patamar de visibilidade com efectiva projecção internacional mas estão as instituições, públicas e privadas, disponíveis e capazes de empreender semelhante trabalho ou antes esperam que sejam os autores, sozinhos, a percorrer tão espinhoso trajecto até, por fim, serem considerados merecedores dos apoios mecenáticos de quem tem, não só a missão, o retorno que tal projecção, num contexto global, acarreta? E ainda: Quem, de entre os artistas que vão aparecendo, tem condições para desenvolver linguagens pictóricas e narrativas capazes de se tornarem paradigma de novidade no campo das artes plásticas, no futuro? E quem os valida, lhes atribui créditos à partida, possibilitando-lhes o começo?

Estas questões, entroncadas na questão do futuro (que futuro) das artes plásticas da Lusofonia, estão e muito possivelmente estarão sempre por resolver. No entanto, arriscando errar, sobretudo porque me incluo no lote, coube-me retirar da colecção da Perve Galeria algumas obras que têm em comum viajarem no limite da sua própria fragilidade, quase seres suspensos num instante parado no tempo, fotografado numa reformulação de um pequeno (nano) mundo semioticamente construído (em suspenso). Todas elas partilham dessa mesma visão de precariedade, vulnerabilidade, dos discursos propostos, suas formulações plásticas e respectivos suportes. Talvez

até mesmo na disposição das obras no contexto da exposição se possa depreender a efemeridade que se lhes assoma, podendo levar a crer que não passarão o teste dos anos. Mas é disso que se trata, pois, de saber se somos capazes de perpetuar a memória dos que hoje acreditam que continua viável e enriquecedor o caminho artístico da expressão plástica individual que tem por elo a Lusofonia e, dentro desta, a que tem origem (miscigenada) em África.

EPÍLOGO | Trata-se de colocar algo depois do ponto final que esta mostra encerra. E diz-se final porque se enquadra no espírito de uma colecção de arte da Lusofonia, proveniente do acervo da Perve Galeria, dada a conhecer neste último mês do ano de 2008. Possivelmente, daqui por um ano, com mais obras e artistas representados nesta Galeria, a selecção seria outra, assim como a temática e a estrutura de síntese da própria exposição, até porque não é nem necessário, nem expectável, a repetição monocórdia, no mesmo local, de semelhante mostra de arte. Convirá, isso sim, que esta possa percorrer outras distâncias e ser apresentada a outros olhares que lhe perscrutem os indícios d'ouro, se os houver, e as contradições, que as haverá.

Por essa força de razão se acrescenta, após o fim, algo mais: a já quase certeza de que esta exposição se mostrará em, pelo menos, mais um país de África, desta feita num que se expressa em português. E também, acrescenta-se, um sonho: o de voltar a mostrar arte Lusófona, noutro contexto expositivo, em Dakar, num ano vindouro qualquer dos que (se) me restem viver. E, finalmente, ainda um desejo: de ver um dia edificado um Museu dedicado à Arte Contemporânea da Lusofonia. Se não for em Lisboa, cidade que me acolhe desde que, com quatro anos, saído de Moçambique, aqui cheguei, seja noutra qualquer cidade que se expresse em português.

Carlos Cabral Nunes | Comissário da exposição | Outubro de 2008